

MAURO LÚCIO MACIEL JÚNIOR

**O LAZER NA ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO  
FÍSICA EM ESCOLINHAS DE FUTEBOL NA CIDADE DE BELO HORIZONTE**

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

2017

MAURO LÚCIO MACIEL JÚNIOR

**O LAZER NA ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM ESCOLINHAS DE FUTEBOL NA CIDADE DE BELO HORIZONTE**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

2017

## RESUMO

O presente trabalho busca refletir sobre as aproximações entre lazer e esporte, em ambientes destinados ao aprendizado formal de uma modalidade esportiva. Meu objetivo foi entender se os profissionais que atuam em escolas de esporte acreditam que trabalham com o lazer, como relatam que esse trabalho acontece, quais conhecimentos sobre o lazer utilizam e como enxergam a importância do lazer em sua prática profissional. Para isso, optei por desenvolver um trabalho de natureza qualitativa, cuja realização se deu através de uma combinação entre pesquisas bibliográfica e de campo. Através da pesquisa bibliográfica, procurei construir o caminho para a observação do problema e obter um embasamento teórico para discutir as questões propostas por esse trabalho. Na pesquisa de campo, realizei entrevistas semiestruturadas com quatro profissionais que atuam em três diferentes escolinhas de futebol. Os sujeitos entrevistados foram selecionados a partir do critério de acessibilidade, tendo em vista que foram identificados a partir de meus conhecimentos pessoais e por indicações de outros profissionais e/ou estudantes. Todas as entrevistas foram gravadas com autorização prévia dos entrevistados e transcritas em sua íntegra, para que a análise dos dados fosse realizada. A apreciação das informações obtidas foi feita com o subsídio da técnica de análise de conteúdo fundamentada por Triviños (1987), a qual se divide em três fases: a pré-análise, onde é feita a organização do material; a descrição analítica, na qual é feito um estudo mais profundo do material levantado e o tratamento dos resultados obtidos, que consiste em validar e interpretar as informações coletadas. Como resultados, encontrei que, de alguma forma, todos os profissionais relataram ter o lazer presente em seu trabalho e que a importância que eles dão ao lazer, parece ser influenciada pela natureza do ambiente no qual trabalham. Assim, em uma escolinha vinculada a uma equipe profissional de futebol, os profissionais parecem atuar primordialmente com questões relativas ao desenvolvimento de capacidades esportivas em seus alunos, destinando suas percepções de lazer a atividades ditas lúdicas, realizadas com o objetivo de aprimorar fundamentos técnicos dos alunos. Com relação a profissionais que trabalham em uma escolinha de bairro e em uma escolinha vinculada a escolas infantis, o lazer parece estar mais presente na visão e na atuação dos profissionais, o que se manifesta nos papéis que eles enxergam para os professores que trabalham nesses ambientes. Apesar disso, quando questionados sobre a forma como trabalham com o lazer, percebe-se a vinculação desse tema a termos como ludicidade, divertimento e prazer, manifestados em jogos, brincadeiras e em uma atitude participativa do professor, o que pode estar vinculado à uma abordagem do lazer que parece estar presente em disciplinas esportivas.

**Palavras-chave:** Lazer. Esporte. Formação profissional. Escolinhas de futebol. Atuação profissional.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>4</b>
<b>2 PERCURSOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>10</b>
<b>3 ENTENDENDO O PROBLEMA DE PESQUISA.....</b>	<b>12</b>
3.1 Aproximações entre lazer e esporte: um olhar para as sociedades e suas cidades .....	12
3.2 O surgimento e a apropriação do futebol como possibilidade de lazer .....	14
3.3 O futebol no Brasil .....	16
3.4 As apropriações do futebol no Brasil ó do século XX aos dias atuais.....	18
<b>4 O LAZER NA ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM ESCOLINHAS DE FUTEBOL .....</b>	<b>23</b>
4.1 O profissional de Educação Física nas escolas de futebol: pensando uma atuação na perspectiva do lazer .....	23
4.2 Conhecendo os sujeitos da pesquisa: motivações para a escolha da Educação Física e focos durante o percurso formativo.....	24
4.3 O lazer durante a graduação: aproximações e distanciamentos com o esporte.....	28
4.4 Objetivos dos professores que atuam em escolinhas de futebol: a influência dos ambientes de trabalho.....	31
4.5 Ludicidade e prazer através de jogos e brincadeiras... como o lazer se faz presente na visão e na atuação dos profissionais entrevistados? .....	33
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>
<b>APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA .....</b>	<b>44</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A definição de um problema de pesquisa se configura como um dos primeiros passos que devem ser realizados ao se iniciar um trabalho científico. Segundo Gomes e Amaral (2005, p. 26), o problema de pesquisa não se encontra pronto para ser investigado, visto que sua construção é um papel do pesquisador. Pensar este problema se configura, portanto, como uma prática individual, que sofre influências diretas da história de vida do pesquisador e da cultura na qual ele está inserido. Em outras palavras: "Os problemas são aqueles da situação estratégica em que nos encontramos colocados" (ALVES, 1980, p. 72).

Desse modo, ao chegar no momento de realizar este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), para minha graduação em Educação Física, acredito ser importante citar algumas passagens de minha história que considero fundamentais para a escolha dos temas que irei tratar durante este estudo. Neste sentido, creio que há duas questões primordiais que devem ser tratadas: uma que se refere à minha escolha pelo curso de Educação Física e outra que se refere a escolhas que fiz durante este curso.

Com relação à primeira questão, considero que meu apreço por esportes foi essencial para que eu decidisse estudar Educação Física. Desde a minha infância, tive um contato com o futebol, tanto por influências familiares, quanto por influências de amigos. Com o passar dos anos, este contato se intensificou e se estendeu para outros esportes, o que fez com que, na hora de escolher o curso para o vestibular, a Educação Física figurasse como minha primeira opção.

Uma vez aprovado, iniciei minha trajetória no curso interessado em entender sobre questões técnicas, táticas, físicas e psicológicas que envolviam os esportes. Com o passar do tempo, no entanto, sem desconsiderar a importância desses conhecimentos para a profissão e seus profissionais, passei a ter contato e a ampliar meu interesse sobre outras abordagens relacionadas à área.

Dentre essas abordagens, as perspectivas às quais tive acesso pelo contato com os Estudos do Lazer representaram o marco de uma mudança de rumo em minha graduação. Dotado do entendimento de lazer como sendo "a cultura, compreendida em seu sentido mais amplo, vivenciada no tempo disponível" (MARCELLINO, 1995, p.39) e da ideia de Isayama, Silva e Lacerda (2011), de que o lazer representa uma esfera abrangente, que possui relações com diferentes dimensões da vida do homem, passei a me interessar de forma significativa pelas possibilidades de atuação dos profissionais de Educação Física no âmbito do lazer.

Paralelamente a isso, no final do terceiro período da minha graduação, já dotado dos entendimentos relatados, surgiu uma oportunidade para que eu me aprofundasse nos estudos do Lazer, através de uma bolsa de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). Me candidatei e fui selecionado para esta vaga, que consistia em atuar na coleta de dados de uma tese de doutorado sobre a história dos estudos da Recreação e do Lazer na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO-UFMG).

Como consequência da obtenção dessa bolsa, passei a fazer parte do Oricolé - Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer -, que é um grupo de estudos cujas temáticas de interesse são: a formação e atuação profissional em lazer e as interfaces do lazer com a política, Educação Física, educação, cultura e sociedade. Era, portanto, um local no qual eu poderia ampliar meus conhecimentos e ter contato com discussões sobre a atuação do profissional de Educação Física no âmbito do lazer.

Em decorrência do meu trabalho na Iniciação Científica e das discussões das quais participei no Oricolé, me deparei com a importância de atrelar a busca por conhecimentos sobre atuação profissional no âmbito do lazer a questões relativas à formação profissional para atuar na área. Tal necessidade se justifica pois, nas palavras de Silva (1999, p.15), "um currículo busca precisamente modificar as pessoas que vão seguir aquele currículo". Assim, os conteúdos que estão presentes no currículo de formação profissional de um estudante, representam aquilo que as pessoas que detêm o poder de elaborá-lo imaginam como sendo o ideal para a atuação de determinado profissional no mercado.

No caso do lazer, há um interesse crescente em se discutir sobre a formação dos profissionais que irão atuar nesse campo. Nesse aspecto, as produções que buscam estudar esse tema apresentam, desde críticas a "cursos centrados no fazer por fazer", em receitas de atividades ditas "recreativas" (ISAYAMA, 2013, p. 41), até a exposição de pontos de vista sobre as competências que deveriam ter os profissionais para trabalharem na área, como feito por Melo e Alves Júnior (2003), ao falarem sobre a necessidade de formar profissionais que assumam a função de educar as sensibilidades, possibilitando experiências capazes de ampliar as vivências culturais dos sujeitos.

À medida que eu me apropriava dessas discussões, começava a pensar em relações entre a formação profissional para atuar no lazer, com os esportes, visto que, estes últimos, há muito tempo constituem um objeto de interesse para mim. Dentre os inúmeros aspectos sobre os quais eu refletia em relação às interseções entre lazer e esporte, as escolas de ensino de práticas esportivas, principalmente as de futebol, me interessavam de forma especial, devido

tanto à presença direta da atuação de profissionais de Educação Física nestes espaços, quanto ao meu histórico como aluno desse tipo de escola.

Comecei, então, a procurar estudos que continham essa aproximação entre o lazer, esportes e as escolas de futebol. Sobre as relações entre lazer e as escolas de futebol, procurei trabalhos que buscassem investigar a existência de percepções ou intervenções do lazer nesses espaços. Curiosamente, em um primeiro momento, o que mais se aproximou daquilo que eu procurava foram estudos da psicologia do esporte em que, na tentativa de se entender as motivações que levam crianças e adolescentes aderirem e a permanecerem em programas de prática esportiva, o lazer acabou sendo citado.

Considero este fato relevante, pois, embora a motivação não seja o tema central deste estudo, trabalhos que apontam para o lazer ao estudarem os motivos pelos quais crianças e adolescentes procuram ambientes de prática esportiva, mostram que é importante que o lazer seja pensado pelos profissionais que atuam nestes locais. Assim, estudos como o de Paim (2001) ó que investigou os motivos que levam adolescentes à prática do futebol e obteve, como resultado, a categoria ãamizade e lazerö como sendo citada por 67% dos sujeitos participantes -, o de Knijnik *et al.* (2005) ó um trabalho de revisão que investigou a motivação no esporte infanto-juvenil e concluiu que a diversão e a busca de novas amizades (socialização) estão entre os motivos mais alegados para iniciar e persistir na prática esportiva ó e o de Pacheco (2009) ó que verificou, em sujeitos com idades entre 13 e 17 anos, as motivações para a prática regular de futebol e futsal em escolinhas na cidade de Porto Alegre e encontrou o ãprazerö como o fator mais citado - são indicativos de que, na perspectiva de seus usuários, as escolinhas de esportes são consideradas como um espaço para a vivência do lazer.

Naquilo que se refere à relação entre lazer e esportes, me detive a procurar sobre referências e exemplos que ajudam a explicitar a existência dessa relação na sociedade brasileira. No que diz respeito aos marcos teóricos, considero importante falar das classificações feitas por Dumazedier (1979)<sup>1</sup> e por Camargo (1986)<sup>2</sup>, separando as ocorrências do lazer em diferentes conteúdos culturais e inserindo as atividades ou interesses físico-esportivos como um desses conteúdos<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Em 1979, no livro ãSociologia Empírica do Lazerö, Joffre Dumazedier expõe a classificação sobre cinco conteúdos culturais do lazer, os quais se relacionariam aos seguintes interesses: físico-esportivos, sociais, manuais, artísticos e intelectuais.

<sup>2</sup> Em 1986, Luiz Octávio de Lima Camargo, no livro ãO que é lazer?ö acrescenta mais um conteúdo: o turístico.

<sup>3</sup> Como dito por Isayama (2007), essa separação de conteúdos deve servir apenas para denotar a diversidade cultural que integra o lazer, visto que todos os conteúdos propostos encontram-se intimamente relacionados.

Considero importante destacar também, o número significativo de espaços de atuação em que estão inseridos profissionais de Educação Física e nos quais são possíveis as vivências do lazer. Para mostrar esses espaços, recorro a Isayama (2013, p. 52-53) que cita a existência de um promissor mercado de trabalho no lazer em instituições como acampamentos, clubes, colônias de férias, hotéis, empresas de eventos, academias de ginástica, parques, organizações não governamentais, dentre outros espaços. Neste sentido, mesmo com as ressalvas do autor de que estes e outros espaços comportam profissionais com formações diversas para trabalharem com o lazer, em muitos deles observamos a presença consolidada da intervenção dos profissionais de Educação Física.

A existência dessa relação entre o lazer, esportes e Educação Física ressoa também na constatação de Melo e Alves Júnior (2003) de que há, no mercado de trabalho, uma associação entre lazer e atividades físicas e esportivas. Como se sabe, tais atividades são comumente orientadas por profissionais de Educação Física e podem ser praticadas em vários dos espaços citados. Desse modo, podemos perceber o quanto o lazer se faz presente em nossa realidade e, conseqüentemente, o quanto os profissionais de Educação Física, poderiam se apropriar das discussões desse campo de estudos, para fazer um bom exercício da profissão.

Com relação aos exemplos práticos, foram consideradas aqui políticas governamentais ou programas do governo e/ou da iniciativa privada, em que houve ou há a aproximação entre lazer e atividades físicas e esportivas. Neste sentido, muitos são os exemplos na história brasileira. Pegando apenas o último século, podemos citar: a criação das Praças de Esportes ou Centros de Recreio, nas décadas de 1920 e 1930, em cidades como Porto Alegre e São Paulo, mostrada por Melo (2003) e, a partir da década de 1970, a existência de iniciativas que apresentaram a perspectiva do lazer em propostas de atividades físicas e esportivas, conforme aponta Isayama (2007). O autor destaca: a elaboração do Plano Nacional de Educação Física e Desportos (PNED) que tinha, entre seus objetivos, a "Difusão dos desportos como forma de utilização do tempo de lazer" (BRASIL, 1976, p.8); o Movimento Esporte para Todos (EPT), criado no ano de 1973 e a campanha Mexa-se, criada pela União dos Bancos e pela Rede Globo de Televisão em 1975.

Na atualidade, segundo Isayama (2007), o incentivo ao lazer através da prática de atividades físicas e esportivas continua grande. Observamos então, além de projetos governamentais como o Agita São Paulo, do governo de São Paulo ó criado em 1996 -, e o Programa Esporte e Lazer na Cidade (PELC), do Ministério do Esporte ó criado em 2003 -, diversas possibilidades oferecidas pela iniciativa privada, tais como: a criação de grupos de corridas, escolas de esportes e academias de ginástica; a possibilidade de associação a clubes

esportivos e recreativos; a oferta de pacotes turísticos com a inclusão de serviços para a vivência do esporte, dentre outras. Nota-se, segundo Gomes e Melo (2003), além de um aumento das iniciativas governamentais relacionadas ao lazer, o desenvolvimento de uma crescente indústria do lazer e do entretenimento, com atividades vinculadas à prática de esportes e atividades físicas.

Para obterem sucesso, tanto a indústria do lazer quanto os programas governamentais, buscam aproximar o esporte e as atividades físicas a valores importantes para a sociedade na qual se inserem, no intuito de atrair um maior número de adeptos. Assim, acabam dando um sentido de utilidade à prática das atividades que oferecem, vinculando o exercício físico à obtenção de saúde, bem-estar, qualidade de vida, à aquisição de competências necessárias ao sucesso no mundo do trabalho, dentre outros.

Não pretendo aqui lançar um olhar meramente crítico à essas estratégias, nem contestar as possibilidades de, a partir do lazer vivenciado através de atividades físicas e esportivas, se obter os benefícios e competências citados. No entanto, partilho da ideia de Carvalho (2001) de que a Educação Física tem sentido de proporcionar aos indivíduos a experiência e o conhecimento de fazeres corporais (como jogos, danças e esportes) para que, através deles, esses indivíduos possam ter mais elementos para se situar no mundo e viver melhor, individual e coletivamente.

A busca por aproximar os ambientes de práticas esportivas a valores da sociedade contemporânea, tem feito com que nas escolinhas de esportes seja observada a ocorrência de influências do esporte de rendimento. Este fato tem consonância com uma afirmação de Isayama (2007), sobre instituições ligadas ao lazer estarem reproduzindo modelos de prática onde há uma competição exacerbada e a busca da vitória a qualquer custo. Knijnik *et al.* (2005), alertam para os perigos de se cobrar altos níveis de resultado e afirmam que aspectos que deveriam ser considerados importantes como a socialização entre os praticantes, a diversão na prática esportiva, entre outros, infelizmente ainda são negligenciados por muitos profissionais da área (*on-line*).

Tais constatações, juntamente com a concentração de pesquisas sobre a iniciação esportiva na ótica do desempenho, visando ao desenvolvimento de melhores práticas pedagógicas para fomentar o aprimoramento de aspectos técnicos e táticos dos aprendizes, mostram que o lazer parece não receber grande atenção por parte dos profissionais que trabalham com o ensino de esporte para crianças e adolescentes.

Tendo isso em vista, considero importante verificar como ocorre a atuação dos profissionais de Educação Física que trabalham com iniciação esportiva em escolinhas de

futebol na cidade de Belo Horizonte, no sentido de responder às seguintes questões: esses profissionais acreditam trabalhar com o lazer em sua prática profissional? Se sim, como eles dizem que esse trabalho acontece? Quais conhecimentos sobre o lazer eles aplicam em seus trabalhos? Qual a percepção desses profissionais sobre a importância do lazer em sua prática profissional?

Assim, o que pretendo com essa pesquisa é saber se o lazer se faz presente na prática de profissionais de Educação Física que trabalham com iniciação esportiva em escolinhas de futebol da cidade de Belo Horizonte e, caso esteja presente, entender como ele é trabalhado por esses profissionais, dentro desses espaços de atuação.

Na sequência deste trabalho, farei uma descrição dos percursos metodológicos traçados em sua execução, apresentarei algumas aproximações históricas entre o esporte e o lazer e apontarei questões sobre o surgimento do futebol e sua chegada ao Brasil, a fim de contextualizar a presença das escolinhas de futebol e sua utilização como espaços para a vivência do lazer. Por fim, serão apresentados os resultados e as discussões do trabalho, tendo em vista os dados obtidos sobre as atuações com o lazer por parte dos profissionais entrevistados.

## 2 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Esse estudo é de natureza qualitativa e sua realização se deu através de uma combinação entre pesquisas bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica, segundo Gomes e Amaral (2005, p. 63), consiste em analisar os resultados de experiências de pesquisa e as teorias que foram desenvolvidas por diferentes autores que possuem proximidade com o tema escolhido. Utilizei, então, técnicas de revisão bibliográfica a fim de construir o caminho para a observação do problema e obter um embasamento teórico para discutir as questões propostas por esse trabalho.

Na pesquisa de campo, por sua vez, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os sujeitos selecionados. Segundo Gomes e Amaral (2005, p.74), "Entrevista é uma conversa intencional, que tem como objetivo o recolhimento de informações a respeito de um assunto determinado". Assim, considero como sendo um instrumento adequado para obter dos sujeitos as suas percepções sobre o lazer.

A busca pelos sujeitos da pesquisa se deu a partir de dois critérios: os entrevistados deveriam ser formados em Educação Física e deveriam trabalhar ministrando aulas em escolinhas de futebol, na cidade de Belo Horizonte. Tendo em vista esses critérios, o primeiro passo que adotei foi realizar uma busca na internet por escolinhas de futebol em Belo Horizonte. A partir dessa busca, selecionei escolinhas mais conhecidas e entrei em contato, a fim de saber se os professores eram formados em Educação Física e, caso fossem, se havia a possibilidade de agendar entrevista com eles. Dessa busca, consegui a marcação de entrevista com um profissional.

Além disso, entrei em contato com pessoas que conheço e recebi indicações de profissionais que poderiam satisfazer aos critérios citados. Ao entrar em contato com as pessoas indicadas, constatei que nem todas preenchiam os requisitos buscados nesta pesquisa. No entanto, três profissionais contatados se enquadravam nas condições propostas e se colocaram disponíveis para a realização das entrevistas.

No total, as entrevistas foram realizadas com quatro profissionais, que trabalham em três instituições diferentes: dois em uma escolinha vinculada a uma equipe profissional de futebol; um em uma escolinha de bairro; e outro em uma escolinha vinculada a escolas de educação infantil.

O agendamento de todas as entrevistas foi feito através de ligações telefônicas e/ou via aplicativo de mensagens eletrônicas (*WhatsApp*<sup>4</sup>). Os instrumentos utilizados para a coleta das informações foram o roteiro de entrevista (Apêndice 1) e um aplicativo para gravação de áudio em celular. A permissão para a gravação foi solicitada antes do início de cada uma das entrevistas. A fim de assegurar o anonimato dos entrevistados, a identificação de suas respostas durante o texto será feita através dos códigos E1, E2, E3 e E4, sendo que os números representam a ordem na qual as entrevistas foram feitas.

Para a apreciação dos dados obtidos, foi utilizada a análise de conteúdo fundamentada por Triviños (1987). Segundo esse autor, há três fases distintas nesse processo: a pré-análise, onde é feita a organização do material; a descrição analítica, na qual é feito um estudo mais profundo do material levantado e o tratamento dos resultados obtidos, que consiste em validar e interpretar as informações coletadas.

Na pré-análise, realizei a transcrição dos áudios que havia gravado. Para isso, utilizei o aplicativo *ListNote*<sup>5</sup> para *Android*<sup>6</sup>, o qual faz uma transcrição literal de vozes. Como a frequência captada pelo aplicativo não se aplica para sons emitidos por aparelhos eletrônicos, tive que ouvir os áudios e repetir as falas, para que elas pudessem ser transcritas. Feito isso, fui fazendo os ajustes de pontuação e de palavras não captadas corretamente pelo aplicativo e organizando esses dados dentro do roteiro de perguntas.

Na descrição analítica, realizei diversas leituras das entrevistas, na tentativa de identificar aproximações e distanciamentos entre os dados nelas contidos, que me permitissem obter informações para responder às perguntas propostas. Com essa identificação feita, foram criadas categorias de análise para agrupar as informações mais relevantes.

Por fim, na etapa de tratamento dos resultados, as informações levantadas como sendo relevantes ao estudo foram apresentadas e discutidas dentro de cada uma das categorias de análise.

---

<sup>4</sup> *WhatsApp Messenger* é um aplicativo de mensagens instantâneas e chamadas de voz para celulares. Além de mensagens de textos, seus usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de conexão com a *internet*. (WHATSAPP, 2017).

<sup>5</sup> *ListNote* é um aplicativo para celulares que reconhece falas e realiza suas transcrições em um arquivo de texto.

<sup>6</sup> *Android* é um sistema operacional desenvolvido pelo *Google*. É utilizado, principalmente, em dispositivos móveis (como celulares) com tela sensível ao toque (ANDROID).

### 3 ENTENDENDO O PROBLEMA DE PESQUISA

#### 3.1 Aproximações entre lazer e esporte: um olhar para as sociedades e suas cidades

O lazer e o esporte são elementos que, em nossa cultura, tradicionalmente, se encontram relacionados e tal proximidade pode ser vista sob diferentes óticas: nos estudos das ciências dos esportes, do campo do lazer e até mesmo em políticas públicas e ações da iniciativa privada.

A existência desta variedade de configurações, nas quais é possível identificar as aproximações entre esses dois elementos, pode sugerir a existência de uma raiz comum entre eles. Assim, podemos recorrer a Melo e Peres (2005, p. 91) naquilo que dizem sobre lazer e esporte serem invenções típicas da modernidade<sup>7</sup>, na medida em que se encontram adequados a sentidos valorizados pelo ideário modernista.

Assim, Melo e Peres (2005) consideram que tanto o esporte quanto o lazer representam peças fundamentais na engrenagem da sociedade do espetáculo, que estava a se formar na Europa desde meados do século XIX e, no Brasil, ganhou formas mais precisas a partir da transição entre os séculos XIX e XX, mais marcadamente na cidade do Rio de Janeiro. Essa sociedade, segundo Clark (2004) contempla o avanço do capitalismo no que se refere ao consumismo, à valorização do lazer e das diversões oficiais em geral.

As mudanças proporcionadas por essa nova sociedade podiam ser notadas em diferentes esferas da vida da população, como na produção artística, nos costumes e na paisagem urbana da época. Em todos estes aspectos, o esporte e o lazer estavam presentes e ajudavam a construir os significados do ideal de modernidade que seriam valorizados e compartilhados pelas pessoas.

No que diz respeito às artes, Melo e Peres (2005, p.81) citam, por exemplo, a presença dos esportes modernos em obras de artistas como Claude Monet, Raoul Dufy e Thomas Eakins, sendo retratados pelas corridas de cavalos e pelas regatas. Sobre os costumes, podemos notar, dentre outras coisas, que o esporte e as atividades corporais começaram a ocupar, um espaço importante na vida das pessoas e as atividades de lazer passaram a ser encaradas como maneira de quebrar a monotonia do mundo do trabalho desse grupo social (MELO e PERES, 2005, p.85). Com relação às modificações na paisagem urbana, os mesmos

---

<sup>7</sup> A utilização do termo modernidade, neste trabalho, se dá de forma abrangente e não se restringe a caracterizar acontecimentos que ocorreram no período histórico denominado Idade Moderna (entre os séculos XV e XVIII). Assim, este termo aqui representa um conjunto amplo de modificações nas estruturas sociais do Ocidente, a partir de um processo longo de racionalização da vida (SILVA; SILVA, 2009, p. 297).

autores citam a ocorrência de um conjunto de intervenções multifacetadas pelas quais passaram as cidades, dando origem a novas experiências, das quais o lazer foi talvez a mais típica. Ao corroborarem essas informações, mencionam a construção de cafés, parques, estádios e teatros, além da melhora dos transportes, facilitando o acesso ao subúrbio, imerso em uma crescente estrutura comercial (MELO e PERES, 2005).

Este cenário de busca pelos ideais da modernidade e de aproximação entre esporte e lazer não era exclusivo de uma ou outra localidade visto que, em maior ou menor grau, atingia diferentes cidades do Brasil e do mundo. Exemplo disso é a construção de Belo Horizonte (1894-1897), cujo projeto possui referências ao esporte e ao lazer, mostrando que estes elementos estavam presentes no planejamento urbano de uma cidade idealizada para ser símbolo da modernidade que devia constituir a capital do Estado de Minas Gerais.

Rodrigues (2006, p. 32) ao falar do planejamento de Belo Horizonte, mostra como o movimento de modernização era um fenômeno típico da época. Para a autora, a construção dessa cidade a inseriu no contexto nacional e mundial das novas experiências sociais e urbanas que aconteceram naquele final de século. Isso ocorria pelo fato de que, com a modernidade, a cidade passou a ser o local e o tempo de realização dos ideais da sociedade nascente e, no caso de Belo Horizonte, a sua construção deveria representar uma transformação do Estado em um Estado moderno, em consonância com a nova ordem trazida pela República (RODRIGUES, 2006, p.33).

Como não poderia deixar de ser, o esporte e o lazer se fizeram presentes no espaço urbano de Belo Horizonte, pois faziam parte do ideário das elites da época, que buscavam um estilo de vida ligado à modernidade atrelada à essas práticas. Segundo Souza Neto (2010), as cidades passaram a abrigar um conjunto de práticas constituídas no movimento do espaço urbano, que promoviam uma reconfiguração permanente e conflituosa dos hábitos que viriam a ser efetivamente instituídos. Entre essas práticas, o esporte e o lazer ocupavam especial destaque (p. 29).

Neste sentido, acreditava-se na ideia de que o espaço urbano necessitava ser traçado conforme uma lógica funcional, com lugares distintos para habitação, trabalho e diversão (RODRIGUES, 2006, p. 46). Tendo isso em vista, Belo Horizonte nasceu imersa em um pensamento de que deveria possuir espaços para abrigar práticas de esporte e lazer. Este fato fez com que sua planta possuísse espaços especialmente pensados para o lazer, como o Parque Municipal, o Hipódromo e o Jardim Zoológico, além de algumas praças (RODRIGUES, 2006, p. 46).

Vemos, assim, como as noções de lazer e esporte caminhavam juntas no período retratado (entre meados do século XIX e início do século XX), a ponto de estarem materializadas tanto em obras de artistas que retratavam costumes da sociedade da época, quanto no planejamento de construção e remodelamento de cidades. É importante destacar que a referência à existência de um espaço para a construção de um hipódromo em Belo Horizonte, bem como a menção a artistas que retratavam corridas de cavalos e corridas de barcos (regatas), são formas de expressar a associação entre lazer e esporte e suas manifestações nas sociedades e nas cidades nesse período.

### 3.2 O surgimento e a apropriação do futebol como possibilidade de lazer

Paralelamente a esse movimento de valorização do esporte e do lazer, novas modalidades esportivas iam se desenvolvendo e ganhando popularidade, principalmente no contexto da Europa. Dentre essas modalidades, o futebol ocupou um espaço de destaque, tanto por sua difusão em diferentes países, quanto pelo apreço popular que angariou. Assim, creio ser importante falar um pouco sobre o surgimento desse esporte, a fim de entendermos como ele passou a se fazer presente em nossa sociedade como uma possibilidade de lazer.

Embora existam correntes distintas que procuram retratar a história do futebol, aqui irei adotar a perspectiva de que ele é uma invenção da modernidade, estando, portanto, em consonância com os movimentos de valorização do esporte e do lazer. Neste sentido, compartilho da ideia de que a organização do futebol coube aos ingleses, mas sua origem perde-se no tempo (DUARTE, 2005, p.17).

Indo de encontro a esta concepção, Soutto Mayor e Souza Neto (2016) relatam que a Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra na segunda metade do século XVIII, proporcionou progressivas transformações nos hábitos de vida, atingindo diferentes esferas sociais. Dentro dessas mudanças, os esportes surgem como importantes aliados para a educação física e moral de um novo corpo, mais afeito ao progresso que se alastrava nas novas cidades inglesas (p.35).

A presença dessa associação entre o esporte e a educação física e moral dos indivíduos, fez com que as práticas esportivas passassem a figurar dentro das escolas, que eram ambientes destinados, principalmente, à educação dos filhos das pessoas pertencentes às elites da época. Estes locais constituíram um campo fértil para o desenvolvimento de práticas de atividades físicas e esportivas, como os jogos com bola, categoria na qual o futebol se tornou uma das práticas mais populares.

É possível dizer, então, que a escola foi um espaço que conferiu novos sentidos à realização de atividades físicas, institucionalizando e regulamentando algumas delas (SOUTTO MAYOR; SOUZA NETO, 2016, p.35). No entanto, essa regulamentação variava de acordo com a localidade em que tais atividades eram praticadas, como mostrado na passagem a seguir:

A partir de 1840, o esporte foi introduzido nas escolas públicas e esse é um ponto muito importante para se analisar seu desenvolvimento na Inglaterra. O esporte era visto sob o prisma educativo. O tempo destinado à prática esportiva era dividido entre o futebol e o rúgbi. Começaram a surgir clubes e equipes, torneios passaram a ser realizados. Não faltavam gramados nem participantes. Foi necessário criarem-se regras para as disputas, por escrito, mas cada escola tinha a sua regulamentação: discutia-se o emprego das mãos, o número de participantes, o tamanho dos campos, os gols, e assim por diante (DUARTE, 2005, p.22).

Esse impasse quanto à regulamentação acabou sendo fundamental para a difusão do futebol, pois foi a partir dele que esse esporte unificou suas regras. As divergências baseavam-se, dentre outros aspectos, na presença de uma corrente favorável ao uso das mãos e outra contrária a tal ação. Esse embate resultou em uma separação dos esportes, com o primeiro grupo formulando o que seria o *rugby* e o segundo, em 1863, criando a *Football Association* (FA) ou Associação de Futebol, em português, estabelecendo o formato atual que conhecemos para o futebol (SOUTTO MAYOR; SOUZA NETO, 2016).

Esse processo de fixação e padronização de regras tem relação com o ideal modernista que permeava o imaginário da época, na medida em que o entendimento do sentido de modernidade se constrói como parte de um movimento de racionalização da vida (SILVA; SILVA, 2009, p. 297). O esporte, ao lado da família, da escola e dos meios de comunicação de massa torna-se, nas palavras de Pires (1998, p.28), um espaço privilegiado para o aprendizado das regras sociais e a obediência a elas. Neste sentido, o futebol, quando comparado ao *rugby*, era dotado de regras mais restritivas em relação aos embates físicos e, assim, acabou sendo mais bem aceito que o *rugby* e se tornou mais popular na Europa e, posteriormente ao redor do mundo (SOUTTO MAYOR; SOUZA NETO, 2016, p.35).

À medida que ia se tornando uma prática mais comum em solo inglês, o futebol caminhava para exercer o papel de lazer civilizado, conforme colocação de Rodrigues (2006, p.154) sobre o significado atribuído às atividades físicas esportivas na época. É no decorrer dessa popularização que a *Football Association* cria a Copa da Inglaterra, em 1871, em um momento em que:

[...] o futebol já deixara de ser um jogo exclusivo de estudantes no cumprimento particular das atividades curriculares, para tornar-se prática disseminada também pelos clubes, formados tanto pelas elites quanto por elementos da classe média urbana, a grande maioria ex-estudantes com interesse em continuar jogando futebol.

E o bem-sucedido esporte se revela um atraente espetáculo: alguns jogos na década de 1870 já atraíam público superior a dez mil pessoas [...] (MASCARENHAS, 2002, p.2).

Notamos, assim, que o futebol se torna uma possibilidade de lazer para a população inglesa, tanto no sentido da prática, quanto no sentido da assistência. Considerando o excerto acima, a vivência do lazer através da prática do futebol pode ser visualizada na menção aos ex-estudantes que faziam parte de clubes, com o interesse em continuar praticando o futebol, enquanto que, as grandes multidões que se formavam para assistir aos jogos desse esporte, mostram que a assistência às partidas era, também, uma possibilidade de lazer.

### 3.3 O futebol no Brasil

Assim como ocorre com a origem do futebol, a história de sua chegada ao Brasil é passível de ser vista segundo diferentes pontos de vista. Como mostrado pelo trabalho de Soutto Mayor e Souza Neto (2016), autores como Guterman (2009), Witter (2003), Neto (2002) e Scaglia (1999) possuem estudos que tratam da origem do futebol em nosso país. Entre semelhanças e diferenças trazidas por seus relatos, vemos que preponderam em suas versões a ideia de que a chegada do futebol em terras brasileiras se deu através de marinheiros ingleses ou de padres jesuítas, embora não haja uma precisão sobre este fato.

Soutto Mayor e Souza Neto (2016) dizem que há poucas evidências sobre as práticas precursoras do futebol em nosso país, o que abriu espaço para o desenvolvimento da versão mais conhecida: a de Charles Miller. Segundo Pereira (2000), Charles Miller saiu do Brasil para estudar na Inglaterra e retornou para São Paulo no ano de 1894, trazendo consigo duas bolas e um manual de regras do jogo. A partir de então, caracterizou-se por ser um entusiasta do futebol na capital paulista, passando a promover partidas, formar times e fundar clubes. O mesmo teria ocorrido em cidades como Rio de Janeiro, Salvador e Belo Horizonte, que teriam tido outros atores participando desse movimento pela instalação da prática do futebol.

Independentemente da versão histórica adotada para descrever a chegada do futebol no Brasil, é importante reconhecer a existência de um consenso entre os estudiosos da história desse esporte, em afirmar que os primeiros anos de sua prática em terras brasileiras, esteve basicamente restrito às pessoas pertencentes à elite social e econômica da época. Por se tratar de um período ainda muito próximo da abolição da escravatura, era de se esperar que, naquele momento, essa elite fosse formada predominantemente por pessoas brancas, fazendo com que

a questão racial estivesse atrelada à questão social, durante os primeiros anos do futebol no Brasil.

Soares (1999) fala sobre essa convergência de abordagens históricas, além de citar a existência das questões racial e social nas abordagens sobre os primeiros anos do futebol no Brasil. Para isso, relata que a quase totalidade da produção histórica sobre o futebol brasileiro possui referências a três momentos distintos que descrevem, respectivamente: a chegada do futebol inglês e elitista ao Brasil, a sua popularização e o papel central do negro nesse processo. De acordo com o autor, que é crítico a essa perspectiva, o primeiro momento narra a chegada do futebol e enfatiza a segregação dos negros e dos pobres, o segundo relata suas lutas e resistências e o terceiro descreve a democratização, ascensão e afirmação do negro no futebol (SOARES, 1999, p.119).

No que diz respeito à elitização dos anos iniciais, podemos ressaltar a cobertura que os jornais faziam dessa prática esportiva, que se torna um objeto de matéria jornalística, à medida que despertava o interesse das elites ávidas por se adequarem aos símbolos da modernidade e que encontravam, no futebol, uma nova prática corporal (esportiva e de lazer) que se oferecia à experiência cotidiana (MASCARENHAS, 2000). Neste sentido, Souto Mayor e Souza Neto (2016, p.42) dizem que vale destacar a grande recorrência na utilização de termos em inglês para descrever as partidas de futebol e o encontro social promovido por elas. Depois disso, concluem dizendo que em um momento em que grande parte da população era analfabeta, a utilização de palavras estrangeiras caracterizava um símbolo de distinção.

Com o passar do tempo, o futebol vai gradativamente se fazendo presente na realidade das classes trabalhadoras. A ocorrência da difusão do futebol nas fábricas pode ser vista, dentre outros motivos, como decorrente das partidas que reuniam funcionários ingleses e operários brasileiros. Como consequência disso, nas primeiras décadas do século XX, era possível visualizar algumas formas de associação operária, dentre as quais se enquadrava a organização de times de futebol (LEMOS, 2005).

O surgimento dessas equipes passou a propiciar confrontos com equipes de outras fábricas e com equipes formadas pelos associados de clubes frequentados pela elite. A existência dessas partidas, por sua vez, passou a alimentar uma rivalidade entre equipes nas cidades onde o futebol era jogado. Esse movimento fez com que, nos anos de 1920, o futebol começasse a figurar como cultura de massa (LEMOS, 2005), passando a ser cada vez mais apropriado por uma população diferente da que o havia difundido em algumas cidades do país

[...] ou seja, mulatos, negros, pobres e analfabetos (SOUTTO MAYOR; SOUZA NETO, 2016, p.43).

Esse processo, no entanto, não ocorreu sem que houvesse resistência do grupo que introduziu o futebol em solo brasileiro. O marco principal dessa espécie de luta de classes se deu quando foram intensificadas as discussões sobre a profissionalização do futebol. Segundo Silva (2012), tínhamos um cenário em que defensores do amadorismo tentavam preservar o caráter elitista do futebol, enquanto que os favoráveis ao amadorismo apoiavam as transformações motivadas pela popularização desse esporte.

Foi durante a década de 1930, dentro da Era Vargas (1930-1945), que o futebol foi finalmente profissionalizado. Nessa época, além das pressões dos dirigentes de clube favoráveis à profissionalização, o intento de consolidar o novo regime contou com um apoio especial, por ir ao encontro às ações tomadas pelo presidente Getúlio Vargas durante o seu governo. Santos (2010) diz que os primeiros anos do governo Vargas (iniciado em 1930) foram marcados pelo estabelecimento de políticas sociais para beneficiar os trabalhadores, sem prejudicar os lucros da burguesia urbana. Assim, segundo este autor:

A profissionalização dos atletas era perfeita para atingir a duplicidade das medidas tomadas pelo governo Vargas. Primeiro, entrava no contexto da legalização do trabalhador, da assinatura de um contrato, de direitos econômicos reconhecidos por lei [...]. Por outro lado, dava aos dirigentes e associados do clube a possibilidade de tratar seus jogadores de futebol como empregados do clube e não mais como sócios (SANTOS, 2010, p. 414).

A partir de então, estavam oficializadas as permissões para o ingresso e o pagamento a jogadores negros, pobres, mulatos e analfabetos nas equipes de futebol. O que ocorreu após esse momento, foi o fortalecimento das relações entre o futebol e o povo brasileiro, de modo que esse esporte fosse se constituindo, cada vez mais, como um símbolo identitário de nosso país, passível de ser apropriado de diferentes formas por parte de nossa população.

#### 3.4 As apropriações do futebol no Brasil ó do século XX aos dias atuais

O processo de profissionalização do futebol brasileiro não teve suas discussões apenas na seara esportiva. Tendo em vista as transformações ocorridas durante os primeiros anos da Era Vargas, o movimento pró-profissionalização acabou se beneficiando da conjuntura política da época.

No entanto, não foi somente de forma indireta que a profissionalização do futebol se beneficiou da política do período. Esse movimento, parece ter contado com o apoio direto do presidente Getúlio Vargas e, após ser oficializado, o Estado despontou como agente

regulamentador do esporte, executando, também, outras intervenções (FERREIRA; SOUZA, 2016). Isso ocorreu pelo interesse que o governo brasileiro tinha de se apropriar do futebol como meio de mobilização das massas e, da seleção brasileira, como uma instituição capaz de estabelecer uma identidade ao país recém-promovido à República (FERREIRA; SOUZA, 2016, p.69).

Esta perspectiva vai de encontro com a preocupação que havia naquele período de se controlar a população durante seu tempo livre. A experiência de tentativa de controle social através da regulamentação do futebol, junta-se às construções de Praças de Esportes e Centros de Recreio, nas décadas de 1920 e 1930, que se materializaram a partir de interesses semelhantes, no que tange à intensão do Estado em ordenar os lazeres da população (GOMES, 2003).

Tal perspectiva perdurou durante os anos da ditadura militar (1964-1985), quando manteve-se o interesse em controlar o tempo livre da população. O futebol, de forma específica, foi marcado por ter recebido investimentos estatais que se manifestaram, sobretudo, na construção de estádios de grandes dimensões, os quais foram difundidos por quase todas as capitais do país (FERREIRA; SOUZA, 2016, p.74). No entanto, é necessário destacar que, embora estes estádios tenham sido construídos para serem espaços de arenas políticas, servindo de apoio à propagação dos interesses do regime, em muitos casos, tornaram-se espaços de resistência, com milhares de torcedores manifestando contrariamente aos diversos tipos de opressões exercidas pelos militares (FERREIRA; SOUZA, 2016, p.74).

Vemos, então, que apesar dos interesses políticos de tentativa de controle social através desse esporte, é possível notar que as pessoas possuem meios de irromper com essa lógica e de dar ao futebol, e/ou a outros esportes, um significado diferente daquele planejado pelos governantes, dirigentes esportivos e/ou profissionais que trabalham em espaços de atuação em que o esporte se faz presente. Este fato, por sua vez, mostra a complexidade que envolve a apropriação tanto do esporte, quanto de outros símbolos culturais com os quais as pessoas possuem contato.

Prova disso é que, durante o século XX, o futebol proporcionou aos seus apreciadores diferentes formas de se relacionar com ele. Do ponto de vista do torcer, conforme estudo de Ferreira e Souza (2016), tivemos desde uma forma mais elitizada e menos passional, que caracterizava os espectadores nos primórdios do futebol no Brasil, às conformações mais populares e emotivas do torcedor comum, que foi se construindo principalmente após a profissionalização desse esporte.

Paralelamente a isso, foram surgindo as formas coletivizadas de torcer, onde se encontram as torcidas uniformizadas, torcidas organizadas e sócios torcedores. A inclusão destes últimos como uma forma coletivizada de torcer, se justifica pelo fato de eles serem capazes de constituir identidades tanto em relação aos locais que ocupam nos estádios, quanto em relação a comportamentos similares e a uma visão mais alinhada ao futebol como sendo objeto de consumo, que está a cada dia mais presente em nosso contexto.

Com relação à prática do futebol, vimos que, em um primeiro momento, ela teve um caráter elitista, fazendo com que seu acesso fosse um privilégio de pessoas da elite que podiam usufruir de seu tempo livre jogando futebol. No entanto, como mostram Soutto Mayor e Souza Neto (2016), gradativamente essa prática foi deixando de ser uma regalia das elites, chegou às fábricas, teve seu acesso democratizado pela profissionalização e passou a ser reproduzida de forma recreativa e não formal pela população em geral.

Essa apropriação do futebol como prática recreativa e informal é capaz de revelar dois aspectos importantes sobre o futebol no Brasil: o caráter lúdico a partir do qual esse esporte foi apropriado por nossa população e mostrar o meio através do qual, durante muito tempo, os jogadores de futebol foram formados no Brasil. Entretanto, muito embora o improvisado e a ludicidade ainda permaneçam como marcas de nosso futebol, o advento e a intensificação da racionalização nos meios esportivos tem feito com que o aprendizado desse esporte pela prática informal vá cedendo lugar para os espaços formais de se aprender o futebol, como as categorias de base de clubes e as escolinhas de futebol (DANTAS, 2016).

Passados cerca de dois séculos do surgimento dos primeiros esportes modernos, este fenômeno se consolidou e se tornou um artefato importante dentro da sociedade em que vivemos. Como consequência disso, as relações que permeiam os esportes e, principalmente o futebol (seu item mais popular), tendem, cada dia mais, à aproximação a uma lógica inerente à sociedade empresarial capitalista, presente na maioria das vivências cotidianas dos dias atuais. Neste cenário, a busca por fazer frente aos adversários (concorrentes) se intensifica, uma vez que o sucesso no âmbito esportivo passou a significar uma participação maior nos lucros provenientes do produto futebol.

Como consequência disso, a preocupação em mensurar e descobrir variáveis que se relacionam ao bom desempenho do futebol, tem sido crescente. Controlar e melhorar os processos de formação de jogadores tem aparecido como uma possibilidade de intervenção eficaz na base desse processo. Segundo Daolio e Velozo (2008, p.11), o nível de especialização do esporte moderno pode ser medido pelo aumento na profissionalização da intervenção pedagógica. Nesse sentido, revela-se um movimento em que o futebol, de uma

prática organizada pelas próprias crianças, que era aprendida ão campo de várzea, no quintal da casa, driblando os colegas, os buracos, as pedras etc.õ, pende cada vez mais para um esporte õmais profissionalizado e especializado, contando com espaços mais õadequadosõ, professores e materiais sofisticadosõ (DAOLIO e VELOZO, 2008. p.11).

No Brasil, as escolinhas de futebol têm aparecido como um dos espaços mais comuns para o desenvolvimento de uma aprendizagem formal desse esporte. Além do impulso que esses espaços receberam da intensificação da mentalidade capitalista no esporte, o contexto social produzido pelo desenvolvimento do processo de urbanização e algumas de suas consequências, também possui participação nesse movimento. A elevação dos índices de violência urbana e a expansão imobiliária são exemplos desse contexto, estando este último ponto exemplificado no excerto a seguir:

Campinhos, parques, terrenos baldios, tem sua quantidade reduzida a cada momento, sob o pretexto do desenvolvimento do mundo moderno. Neste sentido, os jogadores oriundos da chamada ãvárzeaõ, tornam-se cada vez mais raros em nossa estrutura esportiva de alto nível, e as escolinhas/categorias de base passaram a ser o caminho (quase obrigatório) para o mundo do trabalho nos esportes (REZER, 2003, p.43).

O conjunto desses fatores tem feito com que se torne cada vez mais comum que pais procurem as escolinhas para matricularem seus filhos, uma vez que esses espaços se apresentam como ambientes nos quais crianças e jovens podem desenvolver suas capacidades esportivas com segurança e orientação qualificada.

Apesar disso, é importante se ter em conta que outras visões podem permear o imaginário tanto das pessoas que trabalham, quanto das que procuram as escolinhas de futebol. Dentre elas, a que abordarei aqui, diz respeito à possibilidade de se pensar estes espaços como uma alternativa de lazer.

Para isso, acredito que o primeiro passo está em compreender o futebol como um importante produto da indústria do entretenimento, a qual está diretamente ligada à venda de diversas experiências de lazer. Assim, por mais que se possa criticar essa abordagem, é necessário reconhecer que ela é capaz de produzir um entendimento que, segundo Marcellino *et al.* (2007), é predominante na sociedade atual e que se constitui em relacionar o lazer à ideia de atividades e às possibilidades práticas proporcionadas por elas.

Neste sentido, a ocorrência de vivências de lazer no ambiente de uma escolinha de futebol, poderá ser buscada por crianças e jovens que desejam praticar esse esporte, o qual é vendido como um produto em nossa sociedade. Juntamente a isso, há a formação de um imaginário que vincula o futebol a elementos como como diversão, socialização e prazer, os

quais são objetos de desejo dos sujeitos e estão muitas vezes relacionados ao lazer, como mencionados estudos de Paim (2001), Knijnik *et al.* (2005) e Pacheco (2009).

Desse modo, é importante compreender que enxergar o ambiente das escolinhas de futebol como um local para a vivência de lazer é adotar uma perspectiva capaz de ir de encontro aos anseios de muitas pessoas que procuram esses espaços. Neste sentido, acredito que

O esporte dentro dos contextos de escolinhas de futebol e futsal pode ser explorado de forma a ser ramificado, reinventado, onde a padronização daria lugar à gratuidade e a alegria do jogo. Desta forma, a natureza do jogo configura-se numa atividade totalmente livre, voltada para si mesma, proporcionando aos jogadores o prazer intenso da liberdade de criação e construção (REZER, 2003, p.23).

Essa abordagem, mostra o papel fundamental que o professor possui nesse processo de propiciar uma vivência do lazer em escolinhas de futebol, uma vez que é o responsável por conduzir as aulas, podendo ou não dar a elas uma abordagem tal qual a citada acima. No entanto, como mostrado por autores como Isayama (2007) e Knijnik *et al.* (2005), em muitos espaços de prática esportiva tem sido dada uma importância exacerbada ao rendimento, fazendo com que outros aspectos importantes do esporte sejam deixados de lado.

Sendo assim, considero que é importante estudar a forma como os professores estão atuando nestes espaços, a fim de saber se as vivências de lazer estão ou não sendo contempladas. Tendo isso em vista, o capítulo seguinte irá falar sobre a atuação dos professores de Educação Física nas escolinhas de futebol segundo a perspectiva do lazer, trazendo questões referentes aos dados obtidos durante a investigação realizada no desenvolvimento deste trabalho.

## **4 O LAZER NA ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM ESCOLINHAS DE FUTEBOL**

### **4.1 O profissional de Educação Física nas escolas de futebol: pensando uma atuação na perspectiva do lazer**

Em decorrência dos movimentos mostrados de aumento da inserção do futebol em nossa sociedade e de crescimento do interesse dos clubes em otimizar o processo de formação de jogadores, tem se tornado cada vez mais evidente a temática da discussão sobre a atuação do profissional de Educação Física nesses espaços. Tendo isso em vista, na atualidade, diversos autores têm se preocupado em discutir sobre temas como a prática pedagógica em escolas de esporte, especialização esportiva precoce, modelos de ensino esportivos, dentre outros.

No entanto, sem desconsiderar a importância desses assuntos e a relevância de se desenvolver estudos nessas áreas, acredito que a visão segundo essa ótica contempla apenas a dimensão do rendimento esportivo. Na busca por olhar para o esporte a partir de uma perspectiva mais ampla, compartilho dos entendimentos de Marques, Almeida e Gutierrez (2007) de que o esporte é um fenômeno sociocultural com diferentes formas de se manifestar e que, de acordo com os objetivos e significados que os participantes dão à atividade, ele pode se caracterizar como de alto rendimento ou de lazer.

Considero importante destacar que não defendo a existência de um maniqueísmo entre as dimensões esportivas do lazer e do rendimento. Acredito que meu entendimento se aproxima do de Brach (2005, p.17), no que este autor diz sobre o esporte de lazer possuir formas que são imediatamente derivadas do esporte de rendimento ou espetáculo e que a ele muito se assemelham, como outras que dele divergem quanto a aspectos meramente formais, mas também, quanto ao sentido interno das ações.

Porto, portanto, dessa perspectiva para manifestar minha visão de que é preciso que profissionais de Educação Física, que trabalham em escolinhas de futebol, tenham a compreensão sobre as diferentes formas de manifestação do esporte. Entendo que isso é importante, pois auxilia esses profissionais a desenvolverem trabalhos capazes de contemplar os diferentes interesses das pessoas com as quais eles terão contato na prática profissional.

No entanto, essa compreensão das diferentes formas de manifestação, não significa apenas ter um entendimento sobre o ensino de técnicas esportivas ou sobre uma gama de jogos ou brincadeiras a serem passadas aos alunos. Creio que seria importante um entendimento amplo das possibilidades e das responsabilidades envolvidas em suas atuações, haja vista o potencial formativo presente nas intervenções desses profissionais.

Com relação ao lazer, creio que ele é capaz de trazer elementos importantes para a atuação nas escolinhas de futebol não só no que diz respeito às atividades propostas, mas principalmente naquilo que os estudos sobre a formação profissional em lazer dizem sobre o perfil das pessoas que desejam trabalhar na área. Assim, Marcellino (1995), Melo e Alves Junior (2003) e Isayama (2004), propõem que os profissionais do lazer, além do saber técnico, devem ter competências científica, política, filosófica e do conhecimento crítico da realidade. Creio que esses requisitos são essenciais para os profissionais que investigo nesse trabalho, uma vez que a atuação por eles desenvolvida não deve apenas reproduzir situações impostas pela realidade social.

Para que isso se efetive, acredito ser importante um entendimento da realidade da escolinha próximo àquilo que Gomes (2004) pontua sobre o lazer. Segundo a autora, o lazer deve ser visto como ãuma dimensão da cultura, constituída por meio da vivencia lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivoö (GOMES, 2004, p.125).

Nesse sentido, acredito que as aulas de futebol ministradas nas escolinhas configuram a vivência de uma manifestação cultural, a qual deve ser explorada de forma lúdica e dotada de relações com diferentes dimensões da vida dos seres humanos. Seria interessante que o tempo e espaço destinado a esse tipo de atividade, estivesse imbuído de ações capazes de estimular, além da aquisição da competência esportivo e de momentos de prazer, o espírito crítico e criativo das pessoas que dela participam, a fim de contribuir para a formação de indivíduos com uma postura mais ativa perante as situações sociais.

Tendo isso como referência, as seções que se seguem procurarão mostrar como é a perspectiva de trabalho dos profissionais entrevistados, tentando entender as influências que os interesses que guiaram suas formações em Educação Física e o meio profissional no qual estão inseridos, exercem em suas atuações.

#### 4.2 Conhecendo os sujeitos da pesquisa: motivações para a escolha da Educação Física e focos durante o percurso formativo

Em busca de entender a atuação dos professores entrevistados a partir dos entendimentos enunciados no tópico anterior, procurei, primeiramente, apoio nos estudos sobre formação profissional, a fim de entender os caminhos que eles percorreram até se estabelecerem na função que ocupam hoje no mercado de trabalho. Para isso, percebi que,

além das questões referentes aos estudos curriculares, com os quais tive contato durante minha formação, eu precisaria buscar entender um pouco sobre a formação pessoal dos indivíduos.

Neste sentido, adotei a perspectiva de que maneiras como as pessoas interagem com os componentes de um currículo e se apropriam deles, devem ser vistas como dotadas de particularidades que estão atreladas à individualidade de cada sujeito, aproximando-se daquilo que o sociólogo e filósofo canadense Maurice Tardif traz ao longo de sua obra intitulada *Saberes docentes e formação profissional*. Neste trabalho, que tece reflexões sobre a formação de professores, ele diz que o saber dos professores, dentre outros fatores, está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com sua experiência de vida e com sua história profissional (TARDIF, 2002, p.11).

Neste sentido, na busca por identificar as percepções e as formas de atuar com o lazer utilizadas pelos profissionais entrevistados, considero importante conhecer um pouco sobre esses sujeitos, os interesses que fizeram com que eles embarcassem no curso de Educação Física e quais os caminhos eles seguiram durante sua formação.

O curso Educação Física... desde pequeno eu quis fazer Educação Física. Sempre gostei de esportes. Nas aulas de Educação Física me dava bem, gostava de todos os esportes. Então, resolvi fazer Educação Física, mais por causa disso. [...] E foi uma coisa que eu sempre quis fazer. Mexer com esporte foi o que eu sempre gostei. (E1).

A minha trajetória começou como boleiro, na minha adolescência. Foi meu primeiro emprego de carteira assinada. Meu irmão mais velho é formado em Educação Física [...] Trabalhei na federação de vôlei depois, meu irmão também me levou para trabalhar no jogo de voleibol: limpador de quadra, gandula e daí começou interesse, amor pela atividade física. [...] comecei a ser professor de natação que foi o meu maior período que foi dentro da natação trabalhei 18 anos na natação, depois que eu fui para faculdade. (E2).

Bom, primeiro essa questão do que me fez gostar de Educação Física, foi que eu sempre fui apaixonado por futebol. Essa questão do futebol, de duas uma: ou você vira jogador ou você vira treinador. Como eu não virei jogador e essa paixão existe em mim, falei: vou fazer Educação Física, para trabalhar com futebol. Então foi isso que eu fiz. Isso que me motiva até hoje a trabalhar. (E3).

Pelo curso, eu sempre fui um atleta de futebol de futsal, sempre participei de escolinha de futsal e depois tentei seguir essa carreira tentando em time de categoria de base no futebol de campo. Sempre tentei, até meus 18 anos, quando eu vi que eu teria que decidir e que eu vi que a questão do alto rendimento era bem complicada para, a gente chegar realmente a ter algum futuro como jogador, ou eu iria estudar iria começar algum curso. Então pensei largar o futebol e começar um curso. Como minha vida inteira foi voltada para o esporte, eu não me vi em nenhuma outra área a não ser dentro da Educação Física. (E4).

A partir da visualização dessas respostas, torna-se perceptível que o apreço pelo esporte (especialmente o futebol) e pelas atividades físicas foi algo marcante nas falas dos sujeitos, no que diz respeito à motivação que os levou à escolha pelo curso de Educação

Física. Além desse apreço, a familiaridade com o futebol, com os esportes e/ou com as atividades físicas também se fez presente nesses relatos, mostrando que, antes de adentrarem no curso, os profissionais entrevistados já possuíam uma experiência com o objeto com o qual foram trabalhar.

Dessa forma, é possível dizer que “Há fatores de ordem social, familiar e pessoal que interferem na escolha de uma profissão” (FOLLE *et al.*, 2009, p.31). Com relação aos profissionais entrevistados neste trabalho, em maior ou em menor grau, todos revelaram a presença em sua escolha profissional, de algum dos pontos mencionados pelo autor acima.

Ainda nesse sentido, as falas transcritas corroboram com os achados de Razeira *et al.* (2014), em um estudo que investigou os motivos que levam à escolha pelo curso de licenciatura em Educação Física. Nele, o fator principal para a tomada dessa decisão foi o gosto pelo esporte, mencionado por 69,67% dos sujeitos. No que diz respeito a experiências anteriores, elas também são mencionadas no estudo de Razeira *et al.* (2014), uma vez que os autores, em suas considerações finais, sugerem que o resultado que obtiveram pode ter relação com as experiências anteriores dos sujeitos, o que também pode ser visualizado na presente pesquisa, tendo em vista a trajetória de prática e/ou trabalho com o esporte, citada pelos entrevistados.

O mesmo foi verificado em trabalho de Krug (2010). Ao investigar o percurso da vida escolar básica com a escolha profissional de acadêmicos da licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria, o autor encontrou que o principal motivo pela escolha do curso foi o gosto pelos esportes, tendo sido citado por 14 dos 24 entrevistados. Além disso, estes sujeitos também mencionaram uma vida na educação básica marcada pela prática de esportes, revelando, também, uma familiaridade anterior com os esportes.

Outro aspecto que considere importante de se conhecer, tem relação com os focos que esses profissionais deram a seus percursos formativos na Educação Física. A relevância dessa questão para esse trabalho, se faz presente na possibilidade que ela nos traz de compreender quais foram os interesses que marcaram esses percursos, se eles tiveram proximidades com o lazer e suas possíveis influências na forma com que esses professores atuam profissionalmente.

Com relação a esses pontos, os quatro sujeitos relataram que houve, pelo menos em algum momento do percurso na graduação, um direcionamento de seus interesses às disciplinas esportivas e/ou ao futebol.

O que eu gostei foi sempre aula de futebol, futsal, entendeu!? E de esporte mesmo: natação, basquete... tinha um pouco de preguiça das aulas de anatomia, essas coisas... eu sei que faz parte, precisava delas. Mas as áreas do desporto mesmo...

tanto que sempre, quando entrei no curso, foi mais focado na área de desporto, foi mais focado para mexer com algum esporte mesmo. (E1).

Durante o curso eu comecei na natação por questões financeiras porque era minha forma de ganhar dinheiro. Minha renda era na natação. E aos poucos eu fui me desligando. Depois que apareceu o futebol na minha vida profissional, eu fui me desligando aos poucos da natação, até que me desliguei totalmente. (E2).

Normalmente, o curso de Educação Física é muito amplo, ele te dá várias áreas e você tem que buscar trazer aquilo para o seu meio. Então eu já graduando é o que eu fazia. No trabalho de fisiologia, no trabalho de bioquímica, eu já tentava trazer isso para o futebol. Na anatomia, na biomecânica, na fisiologia, na cinesiologia, ao invés de estudar isolado, para fazer curso para ter nota, eu já pegava e transferia para o futebol, para ser mais interessante. Então, eu associava ao que eu gostava. (E3).

Eu sempre tive interesse na área da iniciação esportiva, mais no princípio do curso, especialmente. No final do curso, na hora que você começa a pegar o estágio, eu fui transferindo esse interesse para a atividade física e estudei bastante isso. Depois eu passei aí na atividade física também que é uma coisa que hoje em dia eu trabalho também. Aquilo que eu estudei mais relacionado a escolinha, eu sempre estudei até o meio do curso bastante sobre iniciação esportiva e depois fui só acompanhando. (E4).

Para a obtenção dessas respostas, a pergunta realizada foi: "Qual foi sua trajetória no curso de Educação Física?". Os trechos transcritos mostram que, de certo modo, os interesses e as familiaridades que esses sujeitos tiveram com o esporte, antes de entrar no curso, foram importantes no caminho que eles vieram a seguir dentro da graduação e, posteriormente, no mercado de trabalho (tendo em vista que se tornaram professores de escolinhas de futebol). A partir de um olhar mais atento, mostra também como os esportes e as disciplinas mais voltadas para as ciências naturais, como Anatomia, Fisiologia, Bioquímica, Biomecânica parecem ser as mais presentes na memória que esses profissionais possuem sobre seus cursos.

Neste ponto, há uma convergência desse estudo com um trabalho de Figueiredo (2004), que procura entender a formação docente em Educação Física, relacionando-a às experiências sócio corporais dos alunos desse curso e a construção de seus saberes. Segundo a autora, "A estreita vinculação entre Educação Física e saúde e Educação Física e esporte tem sido, ao longo dos anos, a principal referência dos alunos que ingressam no curso de Educação Física" (FIGUEIREDO, 2004, p.89). Assim, mesmo que o presente estudo tenha tido como sujeitos profissionais já formados em Educação Física, parece que essa vinculação da Educação Física com saúde e com esportes, continua forte.

Sobre o lazer, vemos que ele não foi citado em nenhum dos trechos transcritos das respostas sobre as trajetórias que os sujeitos tiveram no curso de Educação Física. Observamos, assim, que, de modo espontâneo, os entrevistados não fizeram menção à presença do lazer em suas formações. Em um primeiro momento, isso pode revelar que as

disciplinas sobre lazer não tiveram um envolvimento muito grande dos entrevistados para com elas.

Tendo isso em vista, parece que este estudo revela uma situação enunciada por Figueiredo (2004, p.90) de que muitos alunos que ingressam no curso de Educação Física já trazem uma concepção dessa área como sistema de treinamento de atletas, instrutora de exercícios físicos e outras do mesmo gênero. Além disso, de acordo com essa mesma autora, o estudante, com base em suas experiências sociais, tem sua formação inicial modelada. Este fato, reflete nas interações que ele faz, em suas escolhas e, principalmente, no filtro sobre os conteúdos acadêmicos que lhes interessam. Como visto nas respostas dos entrevistados, essa concepção de Educação Física vinculada à saúde e aos esportes, parece ter sido predominante entre eles antes da entrada no curso, além de ter sido capaz de nortear seus interesses durante a graduação.

Essas reflexões podem nos levar a pensar sobre a existência de uma fragmentação no ensino da Educação Física e no interesse dos estudantes que optam por esse curso. Isso pode ser evidenciado na fala de Carvalho (2001) de que os temas atividade física e saúde (e incluem aqui também o esporte) são tratados com uma discussão distante do enfoque sociológico e político, dentro dos cursos de Educação Física. Neste sentido, e em busca da postura profissional apresentada na seção anterior, acredito que deveria prevalecer a visão de Cauduro (2003), no que a autora diz sobre a Educação Física trabalhar com o ser humano tanto na área da saúde quanto na da educação. Não podemos dividir, fragmentar em áreas de conhecimentos (específicos) quando a proposta mundial no momento é trabalhar com a complexidade (CAUDURO, 2003, p.32).

#### 4.3 O lazer durante a graduação: aproximações e distanciamentos com o esporte

Na tentativa de reconhecer os olhares que os sujeitos dessa pesquisa têm sobre o lazer, apresentarei agora como esses profissionais se expressaram a respeito de sua formação acadêmica relacionada ao lazer.

Ao questionar cada entrevistado sobre a sua relação com o campo de estudos do lazer e suas disciplinas durante a graduação, um deles demonstrou de forma mais explícita uma visão correspondente à fragmentação anteriormente citada, manifestando um distanciamento em seu entendimento entre lazer e esporte.

Eu tive aula dessas disciplinas. Teve aula... eu não lembro da disciplina certinho, mas teve sim. E era uma coisa mais lúdica. Pensando em voltar mesmo para brincadeira, de acordo com a faixa etária. Teve a discussão sim. Agora, não foi isso

que me fez direcionar nada dentro do futebol, dentro da área do desporto. Porque, quando eu entrei, eu quis mexer mais na área de competição mesmo. Só que a gente é obrigado a trabalhar com isso também. [...] Então, você trabalha com competição, trabalha com escolinha, trabalha com ludicidade. (E1).

Dois entrevistados tentaram estabelecer relações entre os conteúdos das disciplinas de lazer e o objeto de interesse que eles tinham, que eram a iniciação esportiva e o futebol, respectivamente. Apesar disso, deixaram ressalvas que também expõem, de forma implícita, um entendimento de distanciamento entre os dois temas.

A relação foi pouca, foi mínima. Eu nunca tive tanto interesse, nunca foi o que me chamou muito atenção, apesar de ter alguns pensamentos dentro de algumas matérias... porque eu penso muito na ideia do lúdico. Na escolinha, então, dentro do lazer e da questão de trazer não só aquela coisa da cobrança aos meninos, eu pensava em dar uma aula muito prazerosa né. Então, às vezes, nas aulas de lazer me tocava algumas coisinhas, mas nunca foi uma área de muito interesse não, até pela minha pouca abertura, ela não teve muita influência na minha área não. (E4).

Tinha muita aula prática. Eu sempre participei de eventos de lazer, ia às praças para os encontros, para as visitas técnicas. Então, sempre relacionado com esse lazer... então, muitas coisas eram uma coisa específica, que não tinha nada a ver com futebol, mas agregava, por exemplo, num aquecimento, pode ser com algumas coisas de outras matérias ou de outras modalidades. Você acrescenta nesse lazer para as outras modalidades. Você traz para o meu meio que é o futebol. Então, a gente aproxima isso direitinho quando a gente faz dessa forma. (E3).

Por fim, houve, também, um entrevistado que demonstrou ter tido um contato maior com o lazer, uma vez que realizou seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre jogos e brincadeiras. Como será mostrado e discutido a seguir, esse entrevistado revelou um entendimento um pouco mais amplo sobre o lazer, construído em sua trajetória acadêmica.

A minha monografia foi voltada para isso, dos jogos e brincadeiras. Eu sempre gostei muito de brincadeiras e sempre fui crítico desses jogos eletrônicos, dessa produção exagerada dos jogos de videogame. Acho importante, mas isso não pode fazer com que acabe o brincar na rua, o brincar com jogos e brincadeiras, os jogos coletivos, as brincadeiras cantadas, que aos poucos estão se perdendo. Hoje acaba que isso fica mais no interior, a gente não vê isso muito aqui na capital. Então meu foco da monografia foi muito nos jogos e brincadeiras, não necessariamente detonando os jogos eletrônicos, mas dando uma ênfase forte na importância dos jogos e brincadeiras na vida criança, na formação cognitiva na formação física da criança. (E2).

Embora as respostas pareçam apresentar conteúdos díspares entre si, elas trazem similaridades e elementos importantes de serem trabalhados. Neste sentido, o primeiro ponto a ser discutido, dirá respeito à presença da ludicidade e da brincadeira relacionadas à ideia de lazer.

Sobre essas questões, compartilho da proposta de Debortoli (1999, p. 106), de compreender o brincar, a brincadeira, o gesto lúdico como dimensões da construção da linguagem humana, ou seja, como possibilidade de expressão, representação, significação, ressignificação e reinterpretação da e na cultura. Desse modo, a presença do lúdico e das

brincadeiras nos momentos de lazer se configura como uma possibilidade de expressão da individualidade das crianças, de contato delas com o mundo.

Com relação aos achados desse estudo, vemos que os entrevistados trazem a noção de ludicidade como um elemento que está presente nas aulas de lazer (E1; E4) e que pode ser transportado ao ensino dos esportes para proporcionar uma aula mais prazerosa (E4). Assim, essas percepções se aproximam do que Pinheiro e Gomes (2016) encontraram em pesquisa sobre a abordagem do brincar em cursos de graduação na área da saúde. Segundo esses autores, na análise que fazem sobre essa abordagem no curso de Educação Física, os termos lúdico, brincadeira, ou brincar, são utilizados, aparentemente, como elemento motivacional, prazeroso e minimizador do caráter maçante de exercícios repetitivos para a aprendizagem e treinamento (PINHEIRO; GOMES, 2016, p.559).

Com relação às brincadeiras, elas aparecem nas falas dos entrevistados de duas maneiras: como um artefato que as disciplinas de lazer nos ensinam a dividir em faixas etárias (E1), aproximando-se daquilo que Marcellino *et al.* (2007, p.14) dizem sobre o lazer ser interpretado na sociedade brasileira como algo restrito a ideia de atividade e às possibilidades práticas proporcionadas por ela; e como algo importante na vida das crianças, em sua formação física e cognitiva (E2), mostrando uma compreensão um pouco mais ampla do lazer e das brincadeiras, pela importância dada a elas na vida das crianças, mas, ao mesmo tempo, alinhada à naturalização do lazer como algo funcional, de cunho educativo, desinvestindo das diversões e o descanso de seu caráter de gratuidade (MARCELLINO *et al.*, 2007, p.13).

Assim, de modo geral, as noções que esses profissionais têm sobre o lazer, oriundas de sua formação acadêmica, parecem estar vinculadas a receitas de atividades e a utilização de técnicas para divertir as pessoas. Nesse sentido, corroboram com Marcellino *et al.* (2007, p.15) no que eles dizem sobre as disciplinas de lazer nos cursos de Educação Física, em sua maioria, reproduzirem uma ideia do lazer restrito a brincadeiras, jogos e outras atividades de caráter ocupacional.

Relacionam-se, também, a achados de Ramos e Isayama (2009), em trabalho sobre a inserção de conhecimentos sobre o lazer nos conteúdos desenvolvidos por disciplinas esportivas do curso de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, a partir dos olhares dos professores dessas disciplinas. Neste estudo, os referidos autores encontraram que, dentre os professores que dizem trabalhar com lazer em suas disciplinas, prevalecem noções do lazer associado a jogos e brincadeiras, como espaço para vivências lúdicas, para compensação do trabalho, dentre outros entendimentos.

#### 4.4 Objetivos dos professores que atuam em escolinhas de futebol: a influência dos ambientes de trabalho

Ao descrever as finalidades desse trabalho, tentei deixar claro que minha busca se daria no sentido compreender se o lazer se faz presente na atuação de profissionais de Educação Física que trabalham em escolinhas de futebol e, em caso positivo, como ele aparece nesses ambientes. Após mostrar algumas características sobre o perfil dos professores entrevistados e sobre suas formações no âmbito da graduação, discutirei, neste tópico, algumas regularidades nas falas dos profissionais entrevistados, relacionadas à forma como eles enxergam o seu papel como professores de escolinha de futebol.

Na análise dessa questão, foram identificadas duas maneiras distintas de se abordar esse tema, de acordo com a natureza da instituição na qual cada profissional trabalha. Essas diferentes naturezas, refletem no público-alvo de cada escolinha, que parecem ser distintos quanto às motivações que os levam a procurar esses espaços. Assim, dividi os professores entrevistados em dois grupos: um primeiro - chamado G1 - constituído por dois professores (E1 e E2) que trabalham em uma escolinha de uma equipe profissional de futebol de Belo Horizonte e, um segundo - chamado G2 - formado por um professor (E3) que trabalha em uma escolinha de bairro e outro (E4) que trabalha em uma escolinha vinculada a escolas infantis.

Nas respostas dos professores pertencentes ao G1, sobre a pergunta relativa ao papel de professores de Educação Física que trabalham em escolinhas de futebol, duas questões foram notadas: a preocupação em ensinar aos alunos o jogo de futebol, proporcionando a eles um aprimoramento de capacidades necessárias ao bom desempenho da modalidade; e a compreensão de que é necessário ter cuidado com questões psicológicas dos alunos, devido às diferenças entre suas aspirações e suas possibilidades de se tornarem jogadores profissionais. Para exemplificar esses pontos, exponho as seguintes enunciações:

É ensinar o todo né!? Porque tem gente que acha que escolinha é só brincar. Não é! Você tem que ensinar o todo. Tem a parte da ludicidade que é fundamental, mas tem a parte do trabalho técnico, você passar a importância de um trabalho físico, trabalho técnico, físico né... e a parte da brincadeira também. Só que sempre englobando o objetivo nosso que é o futebol. [...] Mas um pouco de ludicidade e também... igual a gente está vendo aqui: a parte técnica, a parte física de um trabalho, a movimentação, coordenação e parte técnica também, voltada para o futebol. [...] Então, os objetivos são introduzir o menino na modalidade né... passar um pouco de conceitos, passar fundamentos técnicos, muito! Um pouco da parte tática que é bem geral mesmo. A parte técnica a gente tenta cobrar mais. Execução do gesto técnico. A gente tenta cobrar mais isso também. (E1).

Hoje, nós estamos inseridos tanto na equipe, quanto na escolinha. Nós vemos que futebol não é esporte, é uma religião. A grande maioria, 99,9% das crianças aqui na escolinha querem ser jogador de futebol. Às vezes eles, esbarram nas dificuldades e eles sempre estão vendo aqui os meninos da equipe treinando juntos. [...] Então eles começam a nos questionar e a gente tem papel fundamental nisso para não quebrar esse sonho do menino da escolinha, não tirar o interesse dele, não desmotivar. Eu acho que a gente tem papel muito importante em fazer esse feedback, em passar informação para o menino de uma forma que ele não se desmotive, nem desista dos sonhos. (E2).

A importância dada por E1 aos aspectos físicos e, principalmente técnicos, visando às especificidades do jogo de futebol, conforme pontuado por Daolio e Velozo (2008), pode remeter a um ensino especializado do esporte e das técnicas esportivas, o que estaria atrelado ao esporte de alto rendimento. Segundo esses autores, a especialização surge na dinâmica de profissionalização do esporte, sustentada pela exacerbação do uso de determinados tipos de técnica. A técnica referida é aquela nos moldes da ciência moderna, especificamente nos parâmetros de uma biodinâmica do movimento (p.11).

Sobre o posicionamento de E2, ele revela uma questão importante sobre o contexto do seu local de trabalho, que também é explicitado posteriormente por E1. Ao mostrar a importância de o profissional saber trabalhar com a questão psicológica dos alunos, em relação aos seus sonhos e motivações, explicita como a referida escolinha está vinculada a um imaginário relacionado ao alto rendimento, mesmo que os professores demonstrem ter consciência de que esse não é o caso.

Porque eu não posso ir pra eles e simplesmente acabar com o sonho deles e falar que não tem jeito. E, ao mesmo tempo, eu não posso ficar iludindo. Então, tem que trabalhar sempre nesse meio termo, nessa corda bamba aí, tentando que menino evolua, mas sem cobrar demais para o menino não desmotivar. (E1).

E eles questionam: por que a gente não participa de campeonato? Por que que o José joga tanto tempo e o João joga o mesmo tempo, se o José é melhor que o João? É porque o foco nosso aqui na escolinha é que todos joguem e tenham o mesmo tempo de jogo, porque todos pagam o mesmo preço. A gente não foca em resultado. (E2).

Fica clara, assim, a percepção desses professores de que a escolinha em que atuam não visa ao rendimento esportivo, nem tem o foco em resultados, traduzidos em ganhar jogos. No entanto, como eles se encontram inseridos em um contexto em que o rendimento está presente no imaginário de seus alunos, isso acaba influenciando suas preocupações, suas ações e, conseqüentemente, o papel que eles têm que desempenhar.

Com relação aos professores cujas escolinhas foram colocadas no G2, suas falas deixam transparecer que a questão do rendimento esportivo é algo mais distante de suas realidades. Ao serem perguntados sobre os papéis de um professor de escolinha de futebol, eles responderam:

Eu falo para você que você não tem que gostar de criança: você tem que amar criança. Se você quer trabalhar com iniciação esportiva, você tem que amar criança, você tem que viver o mundo de uma criança, você tem que envolver. Você tem que saber, quando você olhar no rostinho da sua criança, se ela tá triste, se ela tá feliz, se tá preocupada e intervir em cima disso. Porque esse é o verdadeiro motivo do professor. (E3).

Pensando ainda mais na faixa etária que a gente pega, até 10 anos, por exemplo, é bem um sócio educativo mesmo; é bem os três princípios lá que a gente trabalha: o Esporte para Todos, então não tem nenhuma exclusão, todo mundo tem que ser aceito na aula. Trabalho muito com a ideia de conquistar as crianças para o esporte. [...] Então eu sempre penso que o primeiro papel é conquistar o aluno para atividade física ou esporte. (E4).

É possível perceber, portanto, como as enunciações feitas por esses professores se aproximam mais de questões como felicidade, valorização da individualidade do aluno, socialização e educação. Mostra, assim, outros aspectos presentes no esporte, ligados, por exemplo, ao lazer e à pedagogia, que não foram contemplados na abordagem feita anteriormente sobre o rendimento.

Nesse momento, considero importante afirmar que não é minha intenção estabelecer uma oposição entre as enunciações dos dois grupos, nem realizar juízos de valor sobre elas. O que pretendo, ao mostrar essas diferenças, é transmitir a compreensão de que, embora os profissionais tenham apresentado similaridades em suas trajetórias pessoais e acadêmicas, o espaço de atuação profissional no qual se inseriram parece ter influência na forma como pensam sobre suas ações.

Creio que visualizar esse fato é ir ao encontro do que Folle *et al.* (2009) dizem sobre o desenvolvimento profissional. Segundo esses autores, nesse processo, são agregadas õuma gama de expectativas, perspectivas e valores que auxiliam na definição de sua identidade profissional. Contudo, estes fatores não se apresentam dissociados de problemáticas e de enfrentamentos decorrentes do processo de socialização profissionalö (FOLLE *et al.*, 2009, p.27). Dessa maneira, os locais de trabalho representariam um elemento presente no processo de õsocialização profissionalö, explicando, assim, as diferenças nas formas de se pensar o papel do profissional de Educação Física em uma escolinha de futebol.

#### 4.5 Ludicidade e prazer através de jogos e brincadeiras... como o lazer se faz presente na visão e na atuação dos profissionais entrevistados?

Percorridos todos os passos descritos anteriormente, chega-se o momento apresentar e discutir os resultados sobre a visão e a atuação dos profissionais entrevistados, com relação à presença do lazer dentro do ambiente de uma escolinha de futebol. Por questões de clareza na

apresentação dos resultados, continuarei a adotar a estratégia de apresenta-los dentro dos grupos formados na seção anterior.

Quando perguntados se vêem seus ambientes de trabalho como uma possibilidade de lazer para seus alunos, os indivíduos pertencentes ao G1 deram as seguintes declarações:

Então, a gente trabalha com isso, com essa ludicidade. Tem hora que a gente faz uma roda de bobo, fazem trabalhos mais... derruba cone, uns trabalhos mais lúdicos mesmo, mas sempre mostrando pra eles, sempre com o objetivo no trabalho. Derruba cone: trabalhar o passe, a mira na finalização. Sempre mais voltado para isso e ao mesmo tempo, igual eu te falei, sem cobrar demais, porque você pode estar frustrando o menino que não vai conseguir executar aquela atividade, ou aquele trabalho que você propõe. (E1).

Aqui a gente vê que 99% são garotos que querem ser jogadores de futebol. Pode falar que um por cento tem outro objetivo. Vem alunos às vezes com obesidade infantil, que o objetivo é perda de peso; às vezes chegam uns pais aqui que chegam e falam que o filho está vindo aqui para brincar... e eu acho que isso é importante. [...] Mas a grande maioria tá aqui para ser jogador de futebol. (E2).

A partir dessas respostas, temos acesso a duas informações importantes: a primeira é a relação que é feita entre lazer, ludicidade e jogos utilizados para se trabalhar fundamentos presentes no futebol; já a segunda, diz respeito à explicitação de que, na opinião dos professores, a maioria dos alunos da escolinha vinculada à equipe profissional de futebol, não buscam uma vivência de lazer naquele ambiente.

Já nas respostas dos professores do G2, algumas informações diferentes foram encontradas, devido à característica das escolas e, conseqüentemente, do perfil de interesse dos alunos.

Então, nossa escola é de integração. Então, o lazer tem que tá incluído. O slogan da minha escola é: ãa felicidade do seu filho vem sempre em primeiro lugarõ. Então, a criança tem que tá feliz. A criança tem que chutar a bola pra no final ela sorrir. [...] Nosso ambiente é família. É como se eu fosse um pai de todos. [...] Então, a aula é saudável. Brincar... põe apelido no meu aluno, o aluno põe apelido em mim e a gente faz de uma forma saudável, sem pejorativo. E a gente brinca. (E3).

Na escola infantil, eu aprendo que eu vou conquistando os alunos, de sala em sala. Eu aprendi que eu vou conquistando eles nas minhas aulas. Eu fui vendo que ainda mais em idades menores, eles fazem por gostar e pelo lazer mesmo, o prazer da aula. Então, em meninos de uns 5 anos que é mais iniciação esportiva, a gente trabalha muito lúdico, pensando muito para capacidades coordenativas básicas. Eles sentem prazer na aula pela aula mesmo, pelo lazer, eles estão lá pelo lazer. [...] então acho que a maioria da minha turma faz aula porque gosta, faz porque sente prazer mesmo. É pelo lazer mesmo. (E4).

Nestes casos, notamos que a presença de fatores relacionados à diversão, à alegria e ao lúdico parecem estar bem mais presentes nos ambientes das escolinhas e nas ações dos professores. Além disso, parece claro que os alunos desses ambientes têm as suas vivências nas escolinhas como um momento de lazer, o que foi explicitado no final da resposta de E4.

Deste modo, da mesma forma como ocorreu na seção anterior, a maneira como os professores enxergam a escolinha como um espaço propício à vivência do lazer por parte de seus alunos, parece estar diretamente ligada às características dos ambientes onde eles trabalham. Aqui, de forma direta, a existência dessa diferença mostrou que, para os professores de G1, o lazer não é uma vivência procurada por seus alunos, opondo-se àquilo manifestado pelos professores pertencentes ao G2.

Apesar disso, no que diz respeito às formas com que os sujeitos deste trabalho dizem atuar com o lazer, as diferenças entre as naturezas das escolinhas parecem não influenciar nas ações manifestada pelos entrevistados. Independentemente do local de atuação, é possível perceber a ideia de que trabalhar com o lazer é dar aulas prazerosas, divertidas, com conteúdos lúdicos, que se manifestam através de atividades como jogos e brincadeiras, que têm o futebol como referência e que são pensadas de acordo com a idade dos alunos com que se vai trabalhar. Desse modo, é visível que essa atuação corrobora com a visão dos professores de disciplinas esportivas investigados por Ramos e Isayama (2009), conforme discussão trazida anteriormente.

Utilizo muito o pegador, a gente sempre faz jogos físicos, jogos cognitivos, a estafeta que a gente faz o tempo todo. É um monte de circuito, pegador, corrida... eu não fico só no futebol. Principalmente nos meninos de 6, 7, 8 anos, eles adoram fazer essas disputas de estafetas, de fazer esses jogos da infância, que a gente brincou na infância, e muitos deles nem conhecem. (E2).

A coordenação, para ela ter graça... com a criança, para você fazer um trabalho de coordenação, você tem que colocar o lazer envolvido, você tem que colocar um lazer. Eu lembro que o professor de lazer e recreação falava que a sua aula tem que ser sempre colorida. [...] se você tá dentro do campo, na nossa área de futebol como que eu uso: para montar os exercícios, para como que usa dinâmica dos exercícios e a forma como você tem que intervir para corrigir. [...] Então a gente usa das fórmulas para interagir nos exercícios, igual te falei: trabalho muito coordenação motora, trabalho capacidades coordenativas... recreação pura e lazer, no exercício que eu vou mandar. Mandar fazer de braço cruzado, de cara fechada? Não! Autoestima! Vamos fazer tudo, senão a criança desmotiva. Então eu uso a recreação e o lazer para motivar e para montar os exercícios. (E3).

Então, a área do lazer é uma área que eu não tenho domínio. Então eu não posso dizer quais conhecimentos eu uso, entendeu? Mas eu acho sim, por ser uma aula bastante lúdica... o nome lá da escolinha por exemplo é "Aprender brincando", porque a gente entende que eles têm que aprender sem saber que estão aprendendo. Eles estão jogando, eles estão brincando e estão aprendendo ao mesmo tempo. Então, uso muito a questão do lúdico com eles, mas, se for falar assim: eu uso esse conhecimento relacionado ao lazer, eu não sei te dizer. É uma área que eu não tive interesse e não tenho domínio. (E4).

Estas enunciações que vinculam o trabalho com o lazer à utilização de jogos e atividades de caráter lúdico com vistas à aquisição de competências necessárias à prática do esporte, como a coordenação, revela a existência de uma lógica que consiste em enxergar o

brincar, o brinquedo e a brincadeira como artefatos de reprodução de estruturas e comportamentos padronizados (DEBORTOLI, 2004).

Nesse sentido, concordo com a visão de que a realização de jogos e brincadeiras não significa, necessariamente, que o lazer está sendo abordado (RAMOS; ISAYAMA, 2009, p. 388). Conforme demonstrado pelos sujeitos entrevistados nesta pesquisa e ressaltado pelos autores acima mencionados, a utilização dos jogos e das brincadeiras não são exclusividade dos tempos e espaços de lazer. Assim, trabalhar com esses elementos não significa, necessariamente trabalhar com o lazer, visto que eles também podem estar presentes em ambientes de treinamento, onde, segundo (PINHEIRO; GOMES, 2016) parecem estar ligadas mais a questões motivacionais e terem o objetivo de propiciar um momento de fuga de uma certa monotonia dos exercícios repetitivos, do que ao lazer propriamente dito.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como uma pessoa atua profissionalmente tem relação com diversos fatores relacionados à sua vida. A fim de compreender a atuação com o lazer de profissionais de Educação Física que trabalham em escolinhas de futebol, procurei trabalhar com fatores que motivaram a escolha profissional pela Educação Física e com os que influenciaram os percursos de cada indivíduo dentro do curso. Fazer essa investigação foi importante porque mostrou a vinculação que todos os entrevistados apresentaram com o esporte e com disciplinas do campo esportivo, paralelamente ao pouco contato e interesse que tiveram com disciplinas da área do lazer.

Sobre a formação de cada sujeito relativa aos conteúdos do campo do lazer, pude ver que as compreensões que eles possuíam sobre a área estavam atreladas à utilização de jogos e brincadeiras e à mobilização de atividades lúdicas e prazerosas durante as aulas. Essa compreensão, aproxima de achados de Ramos e Isayama (2009) sobre as percepções que professores de disciplinas esportivas têm de suas atuações no campo do lazer, mostrando que a influência que esses alunos tiveram das disciplinas esportivas pode ter relação com suas compreensões sobre o lazer.

Com relação à atuação profissional, todos os professores demonstraram que acreditam, de alguma forma, trabalhar com o lazer. Em suas falas, foi possível perceber uma vinculação entre a forma como eles dizem atuar com o lazer, a questões como ludicidade, divertimento e prazer, manifestados em jogos, brincadeiras e em uma atitude participativa do professor. Esses artifícios seriam utilizados como instrumentos para um ensino menos monótono dos conteúdos esportivos, sendo esse o conhecimento predominante sobre o lazer que eles levam para sua prática profissional.

Com relação à importância que os professores entrevistados dão ao lazer em suas aulas, nota-se que ela parece estar diretamente ligada ao perfil dos alunos que procuram as escolinhas em que eles trabalham. Assim, na escolinha vinculada a uma equipe de futebol profissional, a dimensão do alto rendimento está mais presente nos interesses dos alunos e questões correlatas à essa dimensão esportiva estão presentes nas falas dos professores sobre seus papéis como profissionais. Já nas escolinhas não vinculadas ao ambiente do esporte profissional, outros interesses estão presentes nos interesses dos alunos, o que faz com que os professores tenham em suas falas questões mais próximas ao lazer e a questões socioeducativas, por exemplo.

Tendo isso em vista, creio que este estudo foi capaz de mostrar que os profissionais de Educação Física que trabalham em escolinhas de futebol, podem ou não ter o lazer como uma preocupação presente em seus cotidianos profissionais. Essa questão vai depender de fatores como a natureza do local em que trabalham e das suas trajetórias e interesses durante a formação profissional. Com relação à trajetória e aos interesses, os profissionais que vão trabalhar nesses espaços parecem possuir um perfil formativo relacionado aos esportes, fazendo com que eles deem maior ênfase às disciplinas esportivas, do que às disciplinas de lazer, durante seus percursos na graduação. Mesmo nos casos dos profissionais que dizem se preocupar em trabalhar com o lazer, os conhecimentos utilizados em suas intervenções não vão a fundo nas reflexões produzidas pela área, ficando restritos à tentativa de proporcionar uma aula agradável aos alunos, através de uma postura participativa e alegre do professor e do desenvolvimento de jogos e brincadeiras dentre as atividades propostas.

A partir do que foi exposto, parece existir um distanciamento entre o esporte e o lazer na formação em Educação Física, o que ficou revelado na forma como profissionais inseridos em escolinhas de futebol tratam questões relativas às suas atuações profissionais. Como demonstrado por alguns estudos, essa fragmentação parece já existir no imaginário de muitos alunos que buscam o curso e acaba reforçada em suas disciplinas.

Por fim, acredito que este trabalho exerceu um papel importante ao revelar algumas faces da atuação do profissional de educação física, principalmente no que diz respeito à sua relação com o campo do lazer. Apesar disso, creio que são necessários estudos mais aprofundados sobre questões que aqui emergiram, a fim tanto de verificar sua reprodutibilidade em outros contextos, quanto para propor reflexões e intervenções que possam qualificar a formação e a atuação desses profissionais, especialmente nas questões relativos aos conhecimentos e ações desenvolvidas com relação ao esporte como vivência de lazer.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez Editora, Autores Associados, 1980.

ANDROID. *In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Android&oldid=49110004>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

BRASIL. **Política nacional de Educação Física e desportos**. Lei n.6.251, Plano Nacional de Educação Física e Desportos, Brasília, 1976.

BRACH, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte**. 3 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2005. 134p.

CAMARGO, Luiz O. L. **O que é lazer?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARVALHO, Yara Maria de. Atividade física e saúde: onde está e quem é o sujeito da relação?. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 22, n.2, pp. 9-21, 2001.

CAUDURO, Maria Teresa. O profissional de Educação Física e suas competências específicas. *In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (ORG.). Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte: para atuação em políticas públicas*. Campinas: Papirus, 2003. Cáp.3, p. 31-46.

CLARK, Timothy James. **A pintura da vida moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DANTAS, Marina de Mattos. Futebol e profissão. *In: SILVA, Silvio Ricardo da; CORDEIRO, Leandro Batista; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. (Orgs.). O ensino do futebol: para além da bola rolando*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016.

DAOLIO, Jocimar; VELOZO, Emerson Luís. A técnica esportiva como construção cultural: implicações para a pedagogia do esporte. **Pensar a Prática**. Goiânia, v.11, n.1, p. 9-16, jan./jul. 2008.

DEBORTOLI, José A. Brincadeira. *In: GOMES, Christianne L. (Org). Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 19-24.

\_\_\_\_\_. Com olhos de crianças: a ludicidade como dimensão fundamental da construção da linguagem e da formação humana. **Licere**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 105-117, 1999.

DUARTE, Orlando. **Futebol: regras e comentários**. São Paulo: Editora Senac, 2005. 360p.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FERREIRA, Erick Alan Moreira; SOUZA, Adriano Lopes de. Futebol e torcer. *In: SILVA, Silvio Ricardo da; CORDEIRO, Leandro Batista; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. (Orgs.). O ensino do futebol: para além da bola rolando*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016.

FIGUEIREDO, Zenólia C. Campos. Formação docente em Educação Física: experiências sociais e relação com o saber. **Movimento**. Porto Alegre, v.10, n. 1, p. 89-111, janeiro/abril de 2004.

FOLLE, Alexandra; FARIAS, Gelcemar Oliveira; BOSCATTO, Juliano Daniel; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. Construção da Carreira Docente em Educação Física: Escolhas, Trajetórias e Perspectivas. **Movimento**. Porto Alegre, v.15, n.1, p. 25-49, janeiro/março de 2009.

GOMES, Christianne Luce; AMARAL, Maria Teresa M. **Lazer e Cultura: Metodologia da Pesquisa Aplicada ao Lazer**. Brasília: UniSesi, 2005.

\_\_\_\_\_. Lazer - concepções. In: GOMES, Christianne Luce. **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 119-126.

\_\_\_\_\_; MELO, Victor Andrade. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. **Movimento**, Porto Alegre, v.9, n.1, p. 23-44, janeiro/abril de 2003.

\_\_\_\_\_. **Significados de recreação e lazer no Brasil**: Reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964). 2003. 322p. Tese de Doutorado em Educação ó Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009.

ISAYAMA, Hélder F. Formação profissional. In: WERNECK, Christianne Luce Gomes (org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, pp. 93-96, 2004.

\_\_\_\_\_. O profissional do lazer. In: **Sinais Sociais**, v.8, n.23, pp.37-62. Rio de Janeiro: Sesc, set-dez 2013.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre os conteúdos físico-esportivos e as vivências de lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e cultura**, pp. 31-46. Editora Alínea. Campinas, 2007.

\_\_\_\_\_.; SILVA, A. G. da; LACERDA, L. L. L. de. Por onde caminham as pesquisas sobre formação e atuação profissional em lazer no Brasil?. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira.; SILVA, Sílvia Ricardo da. (Orgs.). **Estudos do lazer: um panorama**. Rio de Janeiro: Sport: História, 2011. p. 165-178.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; GREGUOL, Márcia; SANTOS, Sileno da Silva. Motivação no esporte infanto-juvenil: uma discussão sobre as razões de busca e abandono da prática esportiva entre crianças e adolescentes. **Revista Virtual EF Artigos**, v.3, n.2. Natal, maio de 2005.

KRUG, Hugo Norberto. O percurso da vida escolar básica e a relação com a escolha profissional dos acadêmicos da Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria. **EF Deportes ó Revista Digital**. Buenos Aires, v.14, n. 141, fevereiro de 2010.

LEMOS, Gustavo Perez. **Sobre classe e culturas**. Topoi, v.6, n.11, pp.385-390, 2005.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. A ação profissional no lazer, sua especificidade e seu caráter interdisciplinar. *In*: MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer: formação e atuação profissional**. Campinas: Papirus, 1995. pp. 13-22.

\_\_\_\_\_. Lazer: Concepções e Significados. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v.1, n.1, 1998.

\_\_\_\_\_; SAMPAIO; Tânia Mara Vieira; CAPI, André Henrique Chabaribery; SILVA, Débora A. Machado. **Políticas Públicas de Lazer: formação e desenvolvimento de pessoal**. Curitiba: Opus Print Editora, 2007. 92p.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Movimento**. Porto Alegre, v.13, n.3, p. 225-242, setembro/dezembro de 2007.

MASCARENHAS, Gilmar. Considerações teórico-metodológicas sobre a difusão do futebol. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v.5, n.69, 2000.

\_\_\_\_\_. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. **GEOgraphia**, ano IV, num. 8, p.115-128, dezembro de 2002.

MELO, Victor A. Lazer e Educação Física: problemas historicamente construídos, saídas possíveis ó um enfoque na questão da formação. *In*: WERNECK, Christianne Luce G.; ISAYAMA, Hélder F. (Org.). **Recreação, lazer e Educação Física**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003. p. 57-80.

\_\_\_\_\_.; ALVES JUNIOR, Edmundo Drummond. **Introdução ao lazer**. São Paulo: Manole, 2003.

\_\_\_\_\_; PERES, Fabio de Faria. Lazer, Esporte e Cultura Urbana na Transição dos Séculos XIX e XX: Conexões entre Paris e Rio de Janeiro. **Logos: Comunicação e Cultura Metropolitana**, ano 12, n.22, p. 75-92, 2005.

NETO, José Moraes dos Santos. **Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

PACHECO, Cauê H. **Motivação à prática regular de atividades esportivas: um estudo com praticantes de escolinhas de futebol e futsal (13 a 17 anos)**. Monografia de graduação. Porto Alegre, 2009.

PAIM, Maria Cristina C. Motivos que levam adolescentes a praticar o futebol. **EF Deportes - Revista Digital**. Buenos Aires, v. 7, n. 43, 2001.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PINHEIRO, Marcos Filipe Guimarães; GOMES, Christianne Luce. Abordagem do brincar em graduações na área da saúde: Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. **Movimento**. Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 555-566, abril/junho de 2016.

PIRES, Giovani de Lorenzi. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 9, n. 1, p. 25-34, 1998.

RAZEIRA, Mauricio Berndt; TAVARES, Francisco José Pereira; PEREIRA, Flávio Medeiros; RIBEIRO, José Antônio Bicca; MACHADO, Carla Rosane Carret. Os motivos que levam à escolha do curso de licenciatura em Educação Física e as pretensas áreas de atuação. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 13, n. 2, p. 124-136, jul./dez. 2014.

REZER, Ricardo. **A prática pedagógica em escolinhas de futebol/futsal**: possíveis perspectivas de superação. Dissertação de Mestrado em Educação Física ó Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade**: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). 2006. Tese de Doutorado em História - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína**: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). Tese de Doutorado em História ó Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, 501p.

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. Dissertação de Mestrado em Educação Física ó Unicamp, Campinas, 1999.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Marcellino Rodrigues da. Picadinho de Raposa com sopa de Galo. In: SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de Oliveira; SILVA, Tiago Felipe da. (Orgs.). **O futebol nas Gerais**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Antônio Jorge. História e Invenção de Tradições no Campo do Futebol. **Revista Estudos Históricos**. São Paulo, v. 13, n. 23, p. 119-146, 1999.

SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira; SOUZA NETO, Georgino Jorge de. História do futebol. In: SILVA, Silvio Ricardo da; CORDEIRO, Leandro Batista; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. (Orgs.). **O ensino do futebol**: para além da bola rolando. I ed. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016, p. 25-48.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. **A Invenção do Torcer em Bello Horizonte**: Da Assistência ao Pertencimento Clubístico (1904-1930). 2010. Dissertação de Mestrado em Lazer ó Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WHATSAPP. *In*: **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=WhatsApp&oldid=48724078>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

WITTER, José Sebastião. Futebol: um fenômeno universal do século XX. **Revista USP**, São Paulo, n.58, p. 161-168, jun/ago., 2003.

## APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

**Data e horário:**

**Nome do entrevistado:**

**Formação acadêmica do entrevistado (título, local e ano):**

**Local de trabalho:**

- 1- Fale sobre sua trajetória pessoal e os motivos e interesses que te fizeram optar por fazer o curso de graduação em Educação Física.
- 2- Qual foi a sua trajetória no curso de Educação Física?
- 3- Qual foi a sua relação com o campo de estudos do Lazer e suas disciplinas durante a graduação?
- 4- Fale sobre o que te levou a trabalhar com escolinhas de futebol e como foi o início de sua atuação nesse ambiente de trabalho.
- 5- Quais devem ser para você os objetivos e o papel de profissionais de Educação Física que trabalham em escolinhas de futebol?
- 6- Quais competências e habilidades você considera importantes para que você atinja esses objetivos e desenvolva bem seu papel como professor na escolinha de futebol? O curso de graduação te ajudou a adquirir essas competências e habilidades? Como?
- 7- Você vê suas aulas aqui na escolinha como uma possibilidade de lazer para seus alunos? Se sim, como você enxerga essa possibilidade? Se não, o que justifica essa visão?
- 8- Você acredita que utiliza conhecimentos ligados ao campo de estudos do Lazer na sua prática profissional? Se sim, quais são esses conhecimentos?
- 9- Como você entende o lazer?